

## Educar para a pesquisa: um desenho teórico-prático a partir da pedagogia da esperança

*Educating for research: a theoretical-practical design based on the pedagogy of hope*

 Ícaro Jorge da Silva Santana \*

Recebido em: 5 maio 2024  
Aprovado em: 23 julho 2024

**Resumo:** Como educar pela pesquisa pode servir para a construção de uma pedagogia da esperança antirracista? O artigo se debruça sobre as possibilidades da prática pedagógica ao unir educação pela pesquisa e uma pedagogia antirracista baseada na esperança. Enfatiza-se a importância de questionar, argumentar e comunicar para desenvolver criticidade e autonomia, articulando com a compreensão de diálogo e colaboração. A partir de Paulo Freire (1992, 1996), Pedro Demo (2011, 2015) e bell hooks (2020, 2021) aprofunda-se a percepção da pesquisa como uma ferramenta essencial para a construção de uma educação democrática. Evidencia-se também a contribuição de Moraes, Galiazzi e Ramos (2012) para a formulação do mapa prático-conceitual, que foi aprofundado no terceiro tópico. Destaca-se a necessidade de uma educação que valorize a diferença e capacite os estudantes para formular suas próprias questões, tornando-se agentes políticos de suas histórias. Diante disso, reforça-se a convicção de que a educação pela pesquisa é um caminho promissor para construir uma educação antirracista baseada na esperança ao combinar os passos dialéticos de educar pela pesquisa com os ensinamentos de bell hooks sobre uma pedagogia da esperança. Promovendo a curiosidade, o diálogo e a reflexão crítica, educar pela pesquisa não só desafia as estruturas de poder existentes, mas também potencializa novas narrativas e perspectivas. Em conclusão, compreende que educar através da pesquisa não é somente uma tática pedagógica, mas um compromisso com a mudança social e promoção da justiça racial.

**Palavras-chave:** Educação. Pesquisa. Pedagogia da Esperança. Relações étnico-raciais.

**Abstract:** How can educating through research serve to build a pedagogy of anti-racist hope? The article focuses on the possibilities of pedagogical practice by combining education through research and an anti-racist pedagogy based on hope. The importance of questioning, arguing and communicating is emphasized to develop criticality and autonomy, articulating with the understanding of dialogue and collaboration. From Paulo Freire, Pedro Demo and bell hooks, the perception of research as an essential tool for the construction of democratic education is deepened. We also pay attention to the contribution of Moraes, Galiazzi and Ramos (2012) to the formulation of the practical-conceptual map, which is further explored in the third topic. The need for education that values difference and empowers students to formulate their own questions, becoming political agents of their histories, stands out. In view of this, the conviction is reinforced that education through research is a promising path to building an anti-racist education based on hope by combining the dialectical steps of educating through research with bell hooks' teachings on a pedagogy of hope. Promoting curiosity, dialogue and critical reflection, educating through research not only challenges existing power structures, but also empowers new narratives and perspectives. In conclusion, understand that educating through research is not just a pedagogical tactic, but a commitment to social change and the promotion of racial justice.

**Keywords:** Education. Research. Pedagogy of hope. Ethnic-racial relations.

\* Advogado. Professor colaborador do curso de Gestão de Políticas Públicas na UnB. Doutorando em Direitos Humanos e Cidadania pela UnB. Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade pela UFBA. Bacharel em Direito e Bacharel Interdisciplinar em Humanidades com ênfase em estudos jurídicos pela UFBA. Contato: icarojs@gmail.com

## Introdução

Como educar pela pesquisa pode servir para a construção de uma pedagogia da esperança antirracista? A pergunta que busco responder nesse artigo tem me acompanhado no fazer-pesquisa neste momento a partir de uma agenda secundária como um leitor de bell hooks (2020).

Acerca das implicações, como um pesquisador engajado nas causas educacionais, me vi como parte interessada na produção do levantar-se prático-teórico do educar pela pesquisa, articulando conceitos que se relacionam num anseio de transformação social e justiça racial para uma educação verdadeiramente emancipatória.

Para tanto, compus esse artigo ansiando pela leitura de toda a comunidade escolar (professores, estudantes, gestores e a própria sociedade em geral), o que se enquadra no presente dossiê temático *O papel do periódico científico na educação básica: desafios e oportunidades da comunicação e letramento científicos* da Revista Com Censo no que tange à premissa da “produção de conteúdo relevante para a formação docente, potencializando a ação em sala de aula”.

Nessa busca de encontrar uma abordagem teórico-prática do educar pela pesquisa, busquei constituir um estado do conhecimento acerca da pedagogia da esperança (Freire, 1992; hooks, 2020) e a articulação com a educação para a pesquisa na perspectiva de reconstrução do conhecimento em Pedro Demo (2011). Acerca disso, analiso os aspectos da abordagem de educação pela pesquisa para propor um desenho teórico-prático do educar pela pesquisa sob compreensão de uma pedagogia da esperança. A proposta de desenho teórico-prático delinea as produções acerca da aprendizagem e ensino articulado à educação das relações étnico-raciais.

No primeiro tópico, proponho uma breve revisão teórica acerca do que seria o educar pela pesquisa, compreendendo-o como um saber em movimento que busca a prática de um saber-pensar que é crítico e se articula com as perspectivas de pensamento crítico (hooks, 2022). Neste tópico, exploro a perspectiva da pedagogia da autonomia (Freire, 1996), articulada com a ideia de reconstrução do conhecimento em Pedro Demo (2011), com foco no entendimento do que é pesquisa e o porquê de ser necessário educar pela pesquisa.

No segundo tópico, proponho uma articulação prática do como educar pela pesquisa a partir da compreensão de questionamento, construção do argumento e comunicação (Moraes; Galiazzi; Ramos, 2012), interligada à sabedoria prática de bell hooks (2020) e seus ensinamentos sobre pensamento crítico, colaboração e educação democrática. Neste tópico, aprofundo nos passos dialéticos produzidos por Moraes, Galiazzi e Ramos (2012) como um referencial teórico para o que entendo como educar pela pesquisa,

tensionando os conceitos de questionamento a partir das novas perguntas, perspectivas e saberes emergentes necessários para a constituição de um novo mundo.

No terceiro tópico, aprofundo no conteúdo de pesquisa a partir do levantamento de uma tensão crítica acerca da necessidade de se fazer novas questões para uma educação pela pesquisa que se articule com a pedagogia da esperança. Nessa perspectiva, apresento elementos conceituais acerca da abordagem pedagógica, compreendendo os saberes práticos articulados por bell hooks (2020). Parto do conceito de *apartheid* educacional (Theodoro, 2022) e da classificação das posturas de gestores educacionais na aplicação do artigo 26-A da LDB (Filice, 2010) para evidenciar que não se trata apenas de educar pela pesquisa, mas fornecer possibilidade de liberdade na escolha dos questionamentos a se fazer em sala de aula, compreendendo a necessidade de um outro olhar para a constituição de novos questionamentos que pense as relações étnico-raciais e gênero. Essa abordagem surge das tensões críticas articuladas na formulação de um desenho da educação pela pesquisa que compreenda interseccionalidade como uma prática que se eleva a partir da ideia de heterogeneidade e colaboração. Essa perspectiva deu ensejo para a elaboração de um desenho teórico-prático da educação pela pesquisa.

No quarto e último tópico, revisito os passos dialéticos constituídos e apresentados por Moraes, Galiazzi e Ramos (2012), que consiste no questionar, argumentar e comunicar, articulando com os ensinamentos por uma pedagogia da esperança produzidos por bell hooks (2021), construindo assim um desenho teórico-prático do que seria uma educação pela pesquisa em uma pedagogia da esperança.

## 1. Educar pela pesquisa: em busca do pensamento crítico

Educar pela pesquisa ao nosso ver é, sobretudo, o saber em movimento de um pensar crítico que torne possível o desenho de um novo mundo. Nessa perspectiva, a pesquisa em sala de aula visa romper com uma ideia de transmissão de conhecimento do professor para o estudante. Como aponta Paulo Freire (1996), não podemos ver o estudante como mero receptor de informações e conhecimento, mas como um agente de sua própria história que produz conhecimento, critica o sistema pré-estabelecido e articula saberes a partir de uma autonomia engajada e mobilizada. Do contrário, assume o estudante uma condição bancária de recepção a partir de uma suposta transmissão de conhecimento. Essa condição bancária é o cerne de uma educação que não está atenta aos movimentos do sujeito, mas à reprodução do saber sem um pensamento crítico.

Em um cenário de avanço das tecnologias, da dataficação<sup>1</sup> como aponta André Lemos (2021), do avanço das tecnologias de replicação algorítmica e docilização dos corpos como já nos apresentou Michel Foucault (2008), insistir numa educação bancária replicadora e pouco produtiva do pensamento crítico, é arriscar o futuro das gerações.

Dessa forma, pensar uma educação pela pesquisa é contrapor uma ideia do professor como um transmissor e o estudante como um depositário de conhecimento. Na busca de uma sabedoria prática, como nos ensina bell hooks<sup>2</sup> (2020), a produção do conhecimento é necessariamente parte de um pensamento crítico articulado entre todos os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Nessa articulação de saberes, Pedro Demo (2011) compreende a ideia de reconstrução do conhecimento a partir da ação de educar pela pesquisa. A pesquisa para Pedro Demo (2011) é entendida a partir do princípio de formação de todos os sujeitos envolvidos e articulados com suas práticas. A pesquisa, dessa forma, é vista como o próprio porquê da ação do professor em sala de aula, sendo, portanto, necessária para o cotidiano do próprio ato de ensinar.

Mas o que é pesquisa?

Pesquisa, para Pedro Demo (2015), difere da condição bancária e parte de uma condição de consciência crítica que desenha um caminho para o que bell hooks (2021) nomeia de pedagogia da esperança. Dessa forma, a pesquisa possibilita a construção de um outro-mundo do saber que caminha com a autonomia expressa por Paulo Freire (1996). Diante disso, o resultado da ação de anseio criativo de conhecimento se transforma em novos saberes e novos conhecimentos articulados com uma prática *além do estabelecido*<sup>3</sup>.

Na pesquisa, a omissão pela escuta é substituída pela ação prática e a escrita de novos saberes. É nessa intenção que concordamos que “pensar é uma ação”, conforme aponta bell hooks (2020, p. 31) e, dessa forma, pensamentos são lugares para formular novas questões e novos sentidos.

Como bell hooks (2020) apresentou, as crianças são mestras em acionar o pensamento crítico e perguntar sobre o mundo. Devido à curiosidade aguçada, adjetivo necessário para um pesquisador, a criança tende a sempre perguntar sobre o mundo e se surpreender com tudo que é novo em sua volta. Entretanto, por convenções sociais obsoletas, são silenciadas e ensinadas que “pensar é perigoso” (hooks, 2020, p. 32).

É por conta desse silenciamento de quem questiona e do que questiona que projetos pedagógicos bancários e métodos de isolamento do estudante ao espaço doméstico tem sido apontado como parte do repertório social em diversos lugares do mundo. Um dos exemplos mais

presentes no contexto brasileiro foi a reverberação do Projeto de Lei nº 193/2016, intitulado “Programa Escola Sem Partido” que na prática se revestia em “Projeto da Mordaça”, visando operacionalizar uma falsa neutralidade na educação brasileira, mas que na realidade, como aponta Capaverde, Lessa e Lopes (2019), nos detrás-mundo inscrevia uma ideologia da elite dominante a partir do projeto de uma educação bancária sem compreensão da diversidade, impedindo o exercício da liberdade de cátedra, entre outros. O exemplo citado só demonstra o quanto é necessário a defesa da educação pela pesquisa. É parte de uma ação que se dá em torno de um anseio de mudança constante a partir da formulação de novos questionamentos e novas descobertas, sem a necessidade de replicação de uma receita que impede a existência e desenvolvimento do próprio sujeito.

## 2. Educar pela pesquisa: como fazer?

Educar pela pesquisa se dá a partir de um movimento dialético que consiste em uma articulação entre o questionamento, a construção dos argumentos e a comunicação. Dessa forma, a pesquisa em sala de aula possui um aspecto prático que visa a construção do saber (Moraes; Galiazzi; Ramos, 2012).

O questionamento, que se constitui como um primeiro momento e parte principal, é o início da ação da pesquisa em sala de aula. Como interrogadores incansáveis (hooks, 2020), aqueles que questionam aprendem a pensar. A pergunta é parte da ampliação de um pensamento crítico que não deve ser limitado ou calado. É preciso falar-perguntar para abocanhar as possibilidades de aprender a pensar. E nessa demanda da busca pela pergunta se encontra a vontade de obstruir máscaras na sala de aula. Grada Kilomba (2019), quando utiliza o símbolo da máscara presa na escravizada Anastácia, elabora os instrumentos de silenciamento arquitetado para calar vozes e impedir que novas questões apareçam. É por isso que o questionamento, como aponta Moraes, Galiazzi e Ramos (2012), é constituído por três partes: a tomada de consciência do que somos e do que fazemos; tomar conhecimento de outras formas de ser e fazer; e por último, problematizar o ser e fazer a partir da constituição de uma pergunta.

O segundo momento para educar pela pesquisa, conforme Moraes, Galiazzi e Ramos (2012), é a promoção da participação e engajamento de toda a sala de aula, em busca da construção de argumentos que constituam um movimento para um novo saber, fazer. bell hooks (2020) aponta que é preciso a participação da comunidade em classe em torno de uma pedagogia engajada. Nesse momento, é preciso reconhecer a voz de cada estudante para participação completa num movimento constitutivo de ideias que visa, sobretudo, empoderar os estudantes

a partir do reconhecimento dos seus argumentos. Nessa perspectiva, deve-se articular a colaboração em torno do afastamento dos limites individuais para a promoção da participação colaborativa, na qual os argumentos se constituem como parte de um todo.

E no terceiro momento, é preciso comunicar. Conforme aponta Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), deve-se comunicar os resultados das pesquisas em sala de aula, garantindo um seio coletivo de constituição de uma autoestima comunitária (hooks, 2020) envolta da manifestação dos novos saberes, práticas e conhecimentos. Nesse momento, além de ser uma avaliação coletiva sobre as pesquisas, é parte do contexto de validação da comunidade escolar acerca das produções constituídas dentro da escola. Diante disso, o pensamento crítico será reproduzido de forma qualitativa ao avançar dos processos de consolidação de um educar para pesquisa a partir de uma pedagogia da esperança.

### 3. Educar pela pesquisa: a necessidade de novas questões no contexto de *apartheid* educacional

Como apontamos no tópico anterior, o questionamento é parte essencial para educar pela pesquisa com a abertura e criatividade na criação de novos saberes e práticas. Entretanto, o ato de questionar não surge do nada, é parte de uma constituição de interesses que se dão no seio da possibilidade cognitiva compartilhada com a comunidade escolar.

Acerca desses interesses, é necessário a compreensão de que vivemos numa sociedade desigual, que tem como fenômeno o *apartheid* educacional, como aponta Mário Theodoro (2022). O *apartheid* educacional é resultado da naturalização do fracasso educacional de pessoas negras fruto da formação de um Brasil racista que se constitui a partir da branquitude. Anaturalização do fracasso escolar, por exemplo, é um desenho articulado com a microfísica do racismo que opera nas instituições e na estrutura um empoderamento racial de pessoas brancas, em contraponto ao silêncio constituído em prol da marginalização de pessoas negras (Theodoro, 2022).

Esse silêncio é parte do que Charles Mills (2023) chama de ignorância branca e do que Cida Bento (2022) intitula como operação dos pactos narcísicos da branquitude. Para Cida Bento (2022), a branquitude é parte de criação de identidade comum que usou africanos e negros como uma espécie de contraste, que definiu a Europa como referência a partir dos processos coloniais. Atréada à colonização europeia, os pactos da branquitude perpassam, sobretudo, pela raça, terra e divisão do trabalho.

Por isso entendo esse silêncio através dos pactos narcísicos por gesto intencional que visa amordaçar qualquer movimento de visibilização do problema do racismo e a partir disso, ignorar questões necessárias para saber-pensar

de uma sociedade desigual que se organiza pelo racismo. Mário Theodoro (2020) aponta que

Essa microfísica do racismo que muitas vezes se desenvolve na família reproduz de forma contínua e virulenta na grande maioria das escolas brasileiras. Isso pode ser exemplificado pela reiterada negligência por parte das escolas, sobretudo privadas, para com a lei nº 10639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história da África e a valorização do legado africano na formação da sociedade brasileira. Em vigor desde 2003, a plena implementação dessa legislação tem sofrido forte resistência por parte de professores, diretores de escola e outros profissionais da educação. Ou seja, o racismo presente nas salas de aula ocorre muitas vezes de forma indireta e, de certo modo, até automatizada no comportamento de parcela considerável dos educadores, o que faz com que importantes instrumentos como a lei em questão não tenham a devida eficácia (Theodoro, 2020, p. 222).

E como essa microfísica do racismo está relacionada com o educar para a pesquisa?

Em todos os passos do movimento dialético do educar para a pesquisa, Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), a microfísica do racismo é constituída no seu conteúdo. Desde a elaboração dos questionamentos até a comunicação, o racismo é inscrito a partir de uma negação, do silêncio e do apagamento dos sujeitos. Essa realidade foi observada por Renísia Filice (2010) na produção da sua tese de doutorado sobre raça e gênero na educação básica brasileira. Ao analisar a atuação dos gestores na aplicação do artigo 26-A na LDB (“Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”, instituído a partir da Lei nº 10.639 de 2003 (Brasil, 2003), a autora encontrou como resultado que os gestores educacionais aplicam a norma a partir do seu entendimento sobre cultura negra. Diante disso, a autora desvelou categorias da postura de gestores acerca da aplicação do artigo 26-A na LDB, sendo eles: gestores ausentes/alheios, gestores sensíveis e gestores proativos.

Os gestores ausentes/alheios são aqueles que sequer acreditam que o racismo existe, resguardando a sua atuação apenas em relação à desigualdade social, como se raça e classe não fossem, entre si, inscritas, impactando assim na própria aplicação do artigo 26-A da LDB. Os gestores sensíveis são aqueles que atuam conforme a conveniência, fazendo o possível dentro de um contexto favorável. Os gestores proativos são aqueles que utilizam de uma prática crítica para potencializar mudanças e criações para além do esperado acerca do tema (Filice, 2010). Acerca da classificação dos gestores e o impacto na implementação da política pública relacionada ao artigo 26-A da LDB, Renísia Filice (2010) aponta que nas instituições pesquisadas foram encontrados uma maioria de gestores alheios/



ausentes, o que compromete profundamente a política e reafirma um lugar da Lei nº 10.639 de 2003 como uma afirmação simbólica constituída como um “amontoado de intenções” (Filice, 2010, p. 297).

Observamos que o silenciamento constitui uma teia de interesse/desinteresse acerca das questões de pesquisa e que impacta profundamente na prática do pensamento crítico. É nessa perspectiva que bell hooks (2020) alerta para a necessidade de uma pedagogia engajada que possa repensar a educação a partir da colaboração e trocas. É necessário, diante disso, educar para a prática da liberdade (Freire, 1996), possibilitando a abertura de diversas questões e entendendo esse momento como parte da constituição de novos saberes possíveis para enfrentamento de uma sociedade desigual. Deve-se, portanto, articular, como aponta bell hooks (2020), um propósito para dar sentido à educação, propondo uma reflexão e aprendizados de conteúdo a partir de uma prática emancipatória. Ou seja, não basta apenas compreender os aspectos constituídos para educar pela pesquisa, é preciso posicionar essa pesquisa a partir de um propósito verdadeiramente emancipador, no qual seja possível a liberdade para o exercício pleno de uma pesquisa antirracista.

#### **4. Educar pela pesquisa: construindo um desenho teórico-prático acerca da pedagogia da esperança**

Nesse caminho de entendimento da abordagem da educação pela pesquisa atrelada à necessidade de prática de um conteúdo possível para a emancipação numa estratégia de transformação antirracista, é preciso partir para uma educação democrática (hooks, 2021). A educação democrática compreende o ensino e aprendizagem como constante, e nessa perspectiva, a sala de aula se torna um espaço de cidadania em prol de um anseio democrático. Para tanto, como aponta bell hooks (2021), é preciso colocar abaixo práticas autoritárias que impossibilitem o exercício de ser-fazer.

Para bell hooks (2021), o diálogo é central para o que se entende por educação democrática e a partir da relação com a liberdade de exercício da cátedra e o educar pela pesquisa, a possibilidade de tratar assuntos acerca dos eixos de dominação (raça, gênero, classe, etarismo). É justamente nessa relação prévia que deságua a educação pela pesquisa, afinal, questionar sem abertura de diálogo é impossível. É a abertura do diálogo o primeiro passo a ser adotado no processo de educar pela pesquisa. A partir da educação democrática, compreende o diálogo como a abertura possível para posterior questão apresentada (hooks, 2021). Este comprometimento com a educação democrática irá colaborar no enfrentamento para a invisibilização de questões.

Esse diálogo pode ser constituído a partir do que bell hooks (2020) intitula como conversação, que é a possibilidade de abordar os mais diversos assuntos, aguçando os sentidos de diversos sujeitos em prol de uma educação verdadeiramente crítica. A quebra da aula expositiva é necessária para educar pela pesquisa justamente alinhada à capacidade de troca que a conversação permite aos participantes. Nesse processo de conversação e diálogo, compartilhar histórias é uma maneira possível de educar (hooks, 2020). Compartilhar histórias pessoais, neste caso, voltadas à pesquisa, é uma forma interessante de aguçar os sentidos para uma educação pela pesquisa. A escuta da experiência pessoal de pesquisadores é parte do que se compreende como uma educação democrática.

Outro ponto a ser levantado, como aponta Nilma Lino Gomes (2005), é tratar nesses diálogos o compartilhamento de histórias do fenômeno do racismo que inscreve o corpo de muitos participantes em sala de aula. Nesse caso, não se trata de uma abordagem superficial, mas articulada com o campo da educação e relações étnico-raciais a partir da compreensão de que não há democracia enquanto houver racismo. Esse é um compromisso ético que deve, conforme Nilma Lino Gomes (2005), ser parte da atuação do professor em sala de aula. Esse tratamento das relações étnico-raciais no educar pela pesquisa é parte da compreensão histórica em contraponto ao uso da ciência para embasar o exercício do racismo.

Nessa perspectiva, Antônio Guimarães (1999) trata sobre como a ciência foi parte do repertório de constituição do racismo no Brasil, a partir da frenologia<sup>4</sup>, as teorias lombrosianas e outras incidências que implicaram no que se entende por racismo científico. Sueli Carneiro (2023), ao tratar dos dispositivos de racialidade, aponta que, até os dias de hoje, o racismo científico é exercido a partir dos seus dispositivos, por exemplo, no que se entende por violência obstétrica. A compreensão desse dispositivo de racialidade atrelada à constituição do racismo científico no Brasil é de grande importância. O dispositivo de racialidade, conforme Sueli Carneiro (2023), se constitui a partir da dicotomia entre o ser como tal e o ser a partir de um ente de significado que estabelece um lugar de interpretação onde pessoas negras, indígenas, asiáticas são lidas como racializadas e pessoas brancas como sujeitos universais.

O que, na prática, implicou, ao longo da história, na objetificação das pessoas negras, alinhada à destituição do ser e do saber, que se deu em parte pelo saber científico. Essa objetificação, conforme aponta Sueli Carneiro (2023) está alinhada ao poder do Estado sobre o corpo e a significação da morte ao corpo negro, assim como ao próprio epistemicídio que destitui a racionalidade a partir da inferiorização intelectual de pessoas negras. Ou seja, a compreensão de ciência precisa ser vista a partir da sua historicidade e apresentada a partir das experiências

de sucesso, mas também de fracasso. bell hooks (2020) aponta que uma sabedoria prática é partir das realidades e ações constituídas por memória na necessidade de contrapor uma história de violações contra negros e mulheres, posicionando uma pedagogia que tenha como horizonte provocar esperança.

Outro ponto necessário é a colaboração como método de atuação em pesquisa (hooks, 2020). A colaboração coloca no centro a necessidade de educar pela pesquisa a partir das suas relações possíveis (hooks, 2020). Dessa forma, o anseio de colaboração no exercício de produção da educação pela pesquisa é necessário para a quebra da barreira do EU e a criação de uma relação entre o NÓS.

Nesta perspectiva, que é a adotada neste artigo, o conceito de interseccionalidade (Creenshaw, 1989) me ajuda no entendimento da colaboração como uma prática que visa, a partir da relacionalidade, produzir saídas necessárias acerca da heterogeneidade de sujeitos. A interseccionalidade assume um viés prático na constituição de um saber-fazer. A relacionalidade para os estudos críticos da interseccionalidade é o conceito que aponta que toda dinâmica de poder se dá pela complexidade de oposição e articulação de forças que se relacionam a partir da dominação e resistência (Creenshaw, 1989). Dessa forma, a interseccionalidade constitui em abordagem das diferenças dentro das diferenças, articuladas por interligações que se cruzam para a constituição da prática de pesquisa e da educação pela pesquisa.

É preciso compreender a leitura de que a pedagogia da esperança se constitui como uma prática educacional que se alinha à perspectiva do educar pela pesquisa a partir de uma pedagogia da autonomia que perpassa por uma relacionalidade entre os participantes diante do diálogo e interseccionalidade (Freire, 1996; Creenshaw, 1989; hooks, 2020).

Acerca disso, recupero a pergunta apresentada na introdução: Como educar pela pesquisa pode servir para a construção de uma pedagogia da esperança antirracista? Educar pela pesquisa é parte da construção de uma pedagogia da esperança. Diante disso, a partir do mapa conceitual construído por Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), propus um novo desenho que visa ampliar a partir das contribuições acerca da interseccionalidade (Creenshaw, 1989; hooks, 2020).

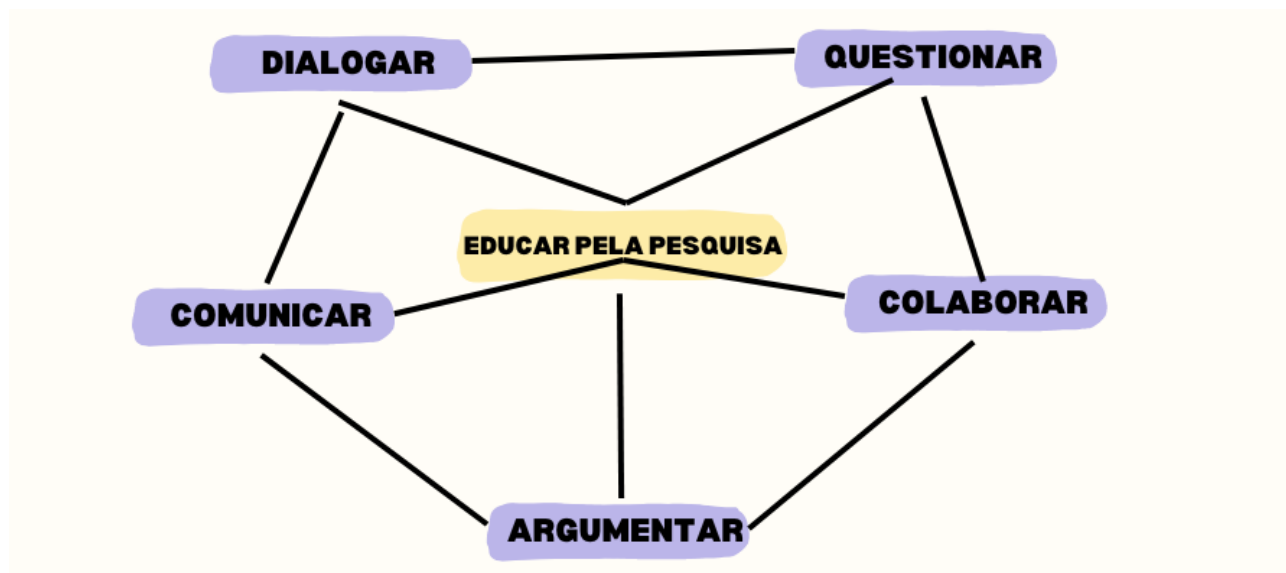
#### 4.1 Exploração analítica do mapa prático-conceitual

Em continuidade à perspectiva apresentada durante o tópico, constitui um mapa prático-conceitual a partir da produção de Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), na perspectiva de uso prático na sala de aula pela comunidade escolar, como apresentado na Figura 1.

É importante a compreensão de que o mapa prático-conceitual foi aprofundado a partir de ações práticas que podem ser adotadas a partir da produção articulada para uma pedagogia da esperança que visa ser antirracista (Freire, 1996; Creenshaw, 1989; hooks, 2020). Dessa forma, observa-se que o mapa é uma teia relacional que se constitui na atuação de educação pela pesquisa.

Conforme já mencionado, Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), a partir de trabalho de pesquisa, encontraram três ações necessárias para o educar pela pesquisa: questionar, argumentar e comunicar. O *questionamento*, a partir da elaboração de novas questões e a abertura para uma ação democrática na sala de aula; o *argumentar* na ação reflexiva do saber-fazer; e o *comunicar* na perspectiva de divulgação científica dos resultados da pesquisa produzida. Em busca de ampliar essa perspectiva, compreendendo a

Figura 1 – Mapa prático-conceitual



Fonte: produção do autor.

necessidade de articular o antirracismo com a educação pela pesquisa, complemento com duas outras ações necessárias: dialogar e colaborar. Ambas são ações que compreendo como premissas que não podem ser presumidas, mas apresentadas como parte da prática.

O diálogo consiste no comprometimento prévio de abertura entre os participantes em sala de aula, desenhando possibilidades possíveis para abertura de novas questões. É fruto da compreensão de educação democrática apresentada por bell hooks (2020) na perspectiva da constituição de uma pedagogia da esperança (Freire, 1996). O diálogo produz troca e constitui uma premissa que articulada ao questionamento, tende a desenhar um caminho democrático na própria produção do saber científico.

Já a colaboração consiste na compreensão de que a pesquisa deve se dar de forma colaborativa, compartilhando experiências e desenhando possíveis encontros e articulações entre participantes dentro e fora da escola. A colaboração é uma das premissas da educação democrática apresentada por bell hooks (2020) e visa afirmar que o trabalho colaborativo a partir da relacionalidade da comunidade escolar como parte da produção do educar pela pesquisa. Um ponto necessário ao observar o mapa é que não se trata de uma “receita”, mas de uma teia voltada à ação. Uma ação está diretamente ligada à outra e não deve ser analisada a partir da prática apartada, mas relacional e articulada, do ponto de vista prático no processo da sala de aula.

## Considerações finais

Ao explorar a interseção entre a abordagem de educar por meio da pesquisa e uma pedagogia da esperança antirracista, foram observadas as possibilidades

desse enfoque na prática pedagógica. Ao revisitar os princípios da pesquisa, ênfase como é importante questionar, argumentar e comunicar para formação de criticidade e autonomia.

A pesquisa, portanto, é compreendida como uma ferramenta essencial para construção de uma sociedade democrática, sendo influenciada pela pedagogia da autonomia de Paulo Freire (1996), pela visão de reconstrução do conhecimento de Pedro Demo (2015) e pela pedagogia da esperança de bell hooks (2021).

Ao compreender o aspecto prático da educação pela pesquisa, busco o saber em Moraes, Galiuzzi e Ramos (2012), combinando-os com os ensinamentos de bell hooks (2020) acerca da colaboração e do pensamento crítico. Dessa forma, insisto na prioridade da participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem e no incentivo à construção coletiva do conhecimento e a busca por soluções para os desafios enfrentados pela sociedade.

Neste artigo, compreendo o cenário atual do Brasil e a necessidade de impulsionar uma educação libertadora que valorize a diferença, possibilitando aos estudantes a condição de formularem suas próprias questões e buscarem suas próprias respostas, os tornando agentes de suas próprias lutas. Dessa forma, na revisita dos passos dialéticos combinados com os ensinamentos de bell hooks (2021) sobre uma pedagogia da esperança, fortaleço a convicção de que a educação pela pesquisa oferece um caminho promissor para construir uma sociedade antirracista baseada na esperança.

Ao abordar a curiosidade, o diálogo e a reflexão crítica, no desenho do educar pela pesquisa, não somente confronto as estruturas de poder vigentes, mas também viabilizo as narrativas e perspectivas emergentes. Assim, chego à conclusão de que educar pela pesquisa não é apenas uma estratégia pedagógica, mas um compromisso com a transformação social e a promoção da justiça racial. ■

## Notas

- <sup>1</sup> Dataficação para Lemos (2004) é o cenário de produção de dados para todas as áreas da vida e a influência das políticas de dados no dia a dia de todas as pessoas.
- <sup>2</sup> bell hooks, em letras minúsculas, foi o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins para homenagear sua avó. A autora grafa seu nome em minúsculo por um posicionamento político para que a atenção esteja voltada às obras e não à pessoa autora.
- <sup>3</sup> Nomeamos como estabelecido os saberes já produzidos que são replicados por uma condição bancária nas salas de aula. A pesquisa contrapõe essa replicação, construindo uma prática crítica para a constituição de outros saberes.
- <sup>4</sup> A frenologia, segundo Guimarães (1999), é uma expressão do racismo científico, a partir da qual se analisava o tamanho do crânio e outros elementos para definição do comportamento e personalidade humana. Um dos grandes expoentes do uso dessa pseudociência para afirmações sociais foi o Cesare Lombroso que constituiu a teoria do criminoso nato a partir da composição biológica.

## Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 867, de 23 de março de 2015**. Inclui entre as diretrizes e bases da educação o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1317168&filename=Avulso+-PL+867/2015](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1317168&filename=Avulso+-PL+867/2015). Acesso em: 7 abr. 2024.

- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.639-2003?OpenDocument](https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.639-2003?OpenDocument). Acesso em: 2 maio 2016.
- BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 193, de 3 de maio de 2016.** Inclui entre as diretrizes e bases da educação o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?-codteor=1317168&filename=Avulso+-PL+867/2015](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?-codteor=1317168&filename=Avulso+-PL+867/2015). Acesso em: 7 abr. 2024.
- BENTO, Cida. **Pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CAPAVERDE, Caroline Barros; LESSA, Bruno de Sousa; LOPES, Fernando Dias. "Escola sem Partido" para quem? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 27, n. 102, p. 204-222, jan., 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex:** a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 8, p. 139-167, 1989.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 10ª ed., Campinas: Autores Associados, 2015.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 14ª ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- FLICE, Renísia Cristina Garcia. **Raça e classe na educação básica brasileira.** 2010. 326 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento das prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais:** refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). Superando o racismo na escola. Brasília: SECAD, 2005.
- GUIMARÃES, Antônio. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- HOOKS, bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas:** Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.2.39638. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39638>. Acesso em: 5 maio 2024.
- MILLS, Charles Wade. **O contrato racial.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo, RAMOS, Maurivan Güntzel. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdevez M. do R. **Pesquisa em sala de aula:** tendências para a educação em novos tempos. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- THEODORO, Mário. **Sociedade desigual:** racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.